

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM OBSTÉTRICA
ANA LÍVIA SANTANA SANTOS

**ACOMPANHANTE DURANTE O TRABALHO DE PARTO: visão
da puérpera**

Belo Horizonte

2013

ANA LÍVIA SANTANA SANTOS

**ACOMPANHANTE DURANTE O TRABALHO DE PARTO: visão
da puérpera**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Enfermagem Obstétrica

Orientadora: Professora Mestre Aline Reis Souza de Oliveira

Belo Horizonte

2013

Santos, Ana Livia Santana.
S657a Acompanhante durante o trabalho de parto [manuscrito]; visão da
puérpera. / Ana Livia Santana Santos. – Belo Horizonte: 2013.
32f.

Orientadora: Aline Reis Souza de Oliveira.
Monografia apresentada Curso de Especialização em Enfermagem
Obstétrica da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do
título de Especialista.

1. Enfermagem Obstétrica. 2. Educação em Saúde. 3. Dissertações
Acadêmicas. I. Oliveira, Aline Reis Souza de. II. Universidade Federal de
Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título

NLM: WA 590

***Aos meus pais, irmãos, amor, anjo e demais familiares e amigos,
pelo incentivo e carinho.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre estar ao meu lado e iluminar meu caminho.

Aos meus pais, Ivan e Goreti, uma vez que sem vocês mais essa nova realização não seria concretizada.

Aos meus irmãos, Guilherme e Francielle, pela confiança e apoio incondicional.

Ao meu grande amor, Daniel, por acreditar em meu potencial.

Aos amigos e demais familiares pela torcida.

À minha orientadora, Aline, personificação da palavra anjo na minha vida, por ser um exemplo de inteligência, determinação e pela paciência, carinho e tempo dedicados.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo...Qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.”

(Chico Xavier)

RESUMO

Introdução: O processo de parturição envolve momentos de intensa emoção à mulher, marcados pelos sentimentos de ansiedade e medo. A presença do acompanhante nesse momento transmite à parturiente a segurança necessária para tranquilizá-la. **Objetivo:** Compreender a percepção da puérpera acerca da presença do acompanhante durante o trabalho de parto. **Metodologia:** Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Neste estudo foi realizadas entrevistas com vinte e três puérperas internadas no Alojamento Conjunto do Hospital Sofia Feldman (HSF), no período de fevereiro a março de 2013, entrevista aberta com um roteiro contendo dados de identificação das entrevistadas e uma questão norteadora, “*Como você percebeu ter um acompanhante em seu trabalho de parto?*” **Resultados:** Emergiram três categorias empíricas e em cada uma delas duas subcategorias; Acompanhante: Alicerce para o enfrentamento do trabalho de parto, *O acompanhante como amenizador do sentimento de solidão, Acompanhante como fonte de apoio*; Quem é o acompanhante da mulher durante o parto? *O acompanhante familiar/ o acompanhante profissional, A equipe de enfermagem como acompanhante*; Sentimentos vivenciados por parturientes, *Enfrentamento emocional da parturiente durante o trabalho de parto, Participação do acompanhante vivência da mulher*. **Conclusão:** O cuidado e a atenção providos dos profissionais de saúde ou dos acompanhantes revelam-se imprescindíveis para garantir conforto e bem-estar para mulheres no momento da parturição. Nesse sentido a análise das descrições acerca de experiências durante o trabalho de parto com a presença de alguém da escolha da parturiente contribui para ampliar a sensação de conforto e amparo nessa fase peculiar que é o ato de gerar um novo ser humano para que ela sinta-se acolhida pelas pessoas e o ambiente torne-se aconchegante. Diante disso, possibilita-se refletir sobre a percepção de cada mulher quanto à vivência desses momentos com o intuito de auxiliá-la na escolha de estratégias de cuidados que possam atender as suas peculiaridades.

Descritores: Acompanhante de pacientes, Parto humanizado, Saúde da família, Saúde da mulher.

ABSTRACT

Introduction: The parturition process involves moments of intense emotion to the woman, marked by feelings of anxiety and fear. The presence of the partner during the act of giving birth transmits the necessary security to reassure her.

Objective: To understand the perception of postpartum woman about the presence of a partner during the labor.

Methodology: An exploratory search qualitative approach. The study was conducted interviews containing twenty three postpartum women interned in Rooming-in Care do Hospital Sofia Feldman (HSF) at the period from February to March 2013. The open interview with a script with identification data of the respondents and a guiding question, "How have you noticed a partner on your labor?"

Results: Three categories emerged from empirical and each two subcategories: Partner : Support to the woman during the labor, The partner reduces the loneliness of postpartum woman, Partner as a source of support; Who is the partner of women during childbirth? , the family companion / partner the professional nursing staff as an escort; Feelings experienced by pregnant women, Facing the woman feelings during the labor,, Participation of the partner at the experiences of woman with the labor. **Conclusion:** This search shows that care, whether provided by health professionals or by partners, is essential to ensure the comfort and well-being for women at the time of parturition. Analyze the descriptions of the experiences of labor and the birth in the presence of someone of your choice contributed to the understanding of the significance of these moments to the mothers. Reflect on the perception of every woman on the experience of these moments helps in choosing care strategies that can meet the individual needs.

Keywords: Partner patients, Humanized birth, Family health, Wmen's health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 OBJETIVO.....	13
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
4.1 Acompanhante: Alicerce para o enfrentamento do trabalho de parto	17
4.1.1 <i>O acompanhante como amenizador do sentimento de solidão</i>	18
4.1.2 <i>Acompanhante como fonte de apoio</i>	19
4.2 Quem é o acompanhante da mulher durante o parto.....	20
4.2.1 <i>O acompanhante familiar</i>	21
4.2.2 <i>A equipe de enfermagem como acompanhante</i>	21
4.3 Sentimentos vivenciados por parturientes.....	22
4.3.1 <i>Enfrentamento emocional da parturiente durante o trabalho de parto</i>	23
4.3.2 <i>Participação do acompanhante vivência da mulher</i>	24
5 CONCLUSÃO.....	26
6 REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE	31
APÊNDICE B – Questionário Semi Estruturado.....	32

1. INTRODUÇÃO

Na metade do século passado e com a institucionalização do parto, as mulheres deixaram de parir em seus lares, no ambiente familiar, vivendo a ruptura dos hábitos de solidariedade feminina e do espaço da vida cotidiana. As práticas instituídas baseadas em normas e rotinas tornaram as mulheres passivas e impossibilitaram a presença de pessoas de seu convívio social para apoiá-las (BRUGGMANN; PAPANELLI; OSIS, 2007).

Sabe-se que durante o processo de parturição a mulher vivencia momentos de intensa emoção, marcados pelos sentimentos de ansiedade e medo. Neste cenário, surge a necessidade do acompanhante como um provedor de suporte psíquico e emocional à mulher, contribuindo para que o parto seja visto como uma experiência positiva para ela (DAMASCENO; *et al*, 2007).

O conceito apresentado pela Política Nacional de Humanização, conhecido como Humaniza SUS, aponta o acompanhante como o representante da rede social da paciente que a acompanha durante toda a permanência no ambiente hospitalar (BRASIL, 2008). O acompanhante pode constituir mais do que simples presença se for permitida a sua participação ativa durante o processo parturitivo. Nessa condição ele deixa de ser considerado mero representante fiscalizador da assistência obstétrica, para assumir o status na rede social de provedor do suporte a parturiente (LONGO; ANDRAUS; BARBOSA, 2010).

O acompanhante também pode ser um aliado da equipe de enfermagem, já que nem sempre o enfermeiro dispõe de tempo suficiente para oferecer um apoio emocional adequado. Brüggemann, Osis e Parpinelli (2007) defendem esta idéia ao relatar que a presença do acompanhante proporciona uma maior abrangência ao cuidado, pois aumenta a observação e a interlocução das suas necessidades.

Storti (2004) afirma que este acompanhamento durante o processo parturitivo, quando da escolha da mulher, transmite à parturiente a segurança familiar necessária para tranquilizá-la, proporcionando bem estar físico e psicológico promovendo aspectos emocionais referentes à gestação e reforçando o vínculo familiar. Assim o objetivo principal do preparo da mulher e

seu acompanhante é favorecer que o trabalho de parto seja vivenciado com mais tranquilidade e participação, resgatando o nascimento como um momento da família (REIS; PATRÍCIO, 2005).

O suporte emocional durante o trabalho de parto foi identificado como importante para diminuir o percentual de anestesia/analgesia e o uso de hormônios similares às ocitocinas. Além disso, outros benefícios do suporte intraparto constatados foram o menor traumatismo perineal, e a redução da probabilidade de dificuldade na maternagem (a atitude em relação aos bebês e o cuidado dispensado a eles) e de interrupção precoce da amamentação (ENKIN; et al, 2005).

O cotidiano tem mostrado que a participação do acompanhante durante o processo de parturição não envolve outra questão senão o apoio emocional, uma vez que a equipe de saúde nem sempre tem condições e tempo para oferecer a parturiente. Por outro lado, as demais necessidades assistenciais são de responsabilidade exclusiva da equipe de saúde. Nessa perspectiva compartilhar este momento do parto e nascimento, contando com a parceria do acompanhante, pode ser um facilitador do trabalho de parto para a parturiente (LONGO; ANDRAUS; BARBOSA, 2010).

A Organização Mundial de Saúde recomenda que a escolha do acompanhante deva ser feita pela mulher, pois assim haverá garantia que ela estará acompanhada por alguém de sua confiança, com o qual se sentirá mais confortável. Assim, podem ser escolhidos para desempenhar essas funções tanto profissionais da área de saúde, quanto o companheiro, familiares, amigas da parturiente, parteiras, enfermeiras ou doulas (SANTOS; NUNES, 2009).

Sendo assim, a presença de um acompanhante, que é um direito garantido pela lei nº. 11.108 sancionada em abril de 2005, e uma assistência de enfermagem adequada, que leva em conta os sentimentos e anseios da mulher durante as fases do trabalho de parto, transmitem a esta uma maior segurança e, conseqüentemente, uma vivência mais tranquila deste período (BRASIL, 2005).

No âmbito do SUS, pode-se citar também a Rede Cegonha, que consiste numa rede de cuidados que visa assegurar à mulher o direito ao planejamento reprodutivo e à atenção humanizada à gravidez, ao parto, ao

puerpério e ao abortamento, bem como à criança o direito do nascimento seguro e ao crescimento e desenvolvimento saudáveis (BRASIL, 2012).

Não obstante, os Hospitais particulares também estão obrigados a permitir a presença do acompanhante, já que está em vigor a Resolução da Diretoria Colegiada N° 36, de 3 de junho de 2008, da Anvisa, que dispõe sobre o Regulamento Técnico para Funcionamento dos Serviços de Atenção Obstétrica e Neonatal, cujo item 9.1 prevê que *“o Serviço deve permitir a presença de acompanhante de livre escolha da mulher no acolhimento, trabalho de parto, parto e pós-parto imediato”*.

Anteriormente, o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento (PHPN), política voltada para a melhoria da qualidade da atenção obstétrica e para redução da mortalidade materna e perinatal normatizou, através da redação a Portaria/GM n° 569, de 01/06/2000 publicado pelo Ministério da Saúde, preconizou ações que promovem a prestação de cuidados mais humanizados, na medida em que podem responder a gravidez, o parto e pós-parto (SANTOS; NUNES, 2009).

Fica evidente, então, que o acompanhante de escolha da mulher influencia diretamente na evolução do trabalho de parto, embora nem sempre este seja o pai do bebê.

A partir disso, se constata que a presença do acompanhante no cenário da parturição, acompanhando a mulher durante o trabalho de parto e parto, apoiando-a constantemente, tem consequências no desfecho do nascimento do bebê: seus efeitos positivos se tornarão marcantes na vida da mulher (PERDOMINI, 2010).

Portanto, é preciso entender que a presença do acompanhante proporciona à mulher segurança e apoio necessário para enfrentar esse momento, uma vez que o acompanhante lhe transmite calma, tranquilidade, força e coragem (DOMINGUES, 2002).

Por outro lado, existem serviços de saúde que não estão preparados para receber esse acompanhante. Constatam-se, sobre isso, problemas tanto nas áreas físicas das instituições hospitalares para acomodá-los, quanto nos profissionais da saúde com preconceito ou receio em relação à presença dele, seja nas consultas de pré-natal, seja durante o trabalho de parto, parto e puerpério (PERDOMINI, 2010).

Para muitos acompanhantes, esse processo torna-se doloroso e angustiante, talvez porque esses novos atores na cena do parto ainda se encontram despreparados e sem referências do seu papel (BRASIL, 2001).

Portanto, informar ao acompanhante seja o pai ou não, sobre o processo é algo que deve ser oferecido pela equipe de saúde, uma vez que essa falta de informação pode levar uma sensação de angústia. Além disso, essa equipe deve orientá-lo quanto aos seus direitos, como usuários do SUS, e, acima de tudo, comunicar-lhe que caso seja o desejo da mulher, ele poderá acompanhá-la no trabalho de parto, parto e pós-parto imediato (PERDOMINI, 2010).

Deve ser também informado ao acompanhante, as possibilidades e ações que poderão desenvolver-se na sala de pré-parto: o toque terapêutico, massagens ou técnicas de respiração, conforto, apoio ou outro método não farmacológico para alívio da dor da mulher (PERDOMINI, 2010).

Diante do exposto e tendo em vista a vivência enquanto pós-graduanda na especialização de enfermagem obstétrica, ao notar situações de parto sem acompanhante e observar situações de ansiedade e angústia experimentada pela maioria das mulheres durante este processo, tem-se o intuito de desenvolver o presente estudo com o enfoque de investigar: Qual a percepção da puérpera em relação a presença do acompanhante durante o trabalho de parto?

A relevância social deste trabalho centra-se na possibilidade de reflexão para os gerentes das unidades obstétricas e gestores municipais sobre a importância desta temática e o quão se faz imperativa a implantação de normas e rotinas que permitam o direito ao acompanhante na sala de parto, como coadjuvante no processo parturitivo.

Poderá, também, fortalecer o conjunto das evidências científicas que validam a participação e a importância do acompanhante durante o processo da parturição, contribuindo com novos estudos.

Desta forma, esse estudo teve como objetivo conhecer a percepção da puérpera internada no Alojamento Conjunto do Hospital Sofia Feldman, em Belo Horizonte, Minas Gerais, acerca da presença do acompanhante durante o trabalho de parto.

2. OBJETIVO

Compreender a percepção da puérpera acerca da presença do acompanhante durante o trabalho de parto.

3 TRAJETÓRIA METODOLOGICA

Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa em que se observa, registra, analisa, correlaciona os fatos ou fenômenos variáveis sem manipulá-los, com o fim de buscar resultados úteis e fidedígnos (DRIESSNACK, et al. 2007)

Conforme Driessnack et al. (2007), na pesquisa qualitativa o processo de pesquisa é indutivo, ao invés de dedutivo, e começa com objetivos exploratórios mais amplos que fornecem foco para o estudo sem esvaziar prematuramente aspectos da experiência que possam ser julgados importantes ou relevantes.

O estudo foi realizado no Alojamento Conjunto do Hospital Sofia Feldman (HSF) que presta assistência materno-infantil, no Sistema Único de Saúde (SUS). HSF é a maternidade de referência dos Distritos Sanitários Norte e Nordeste de Belo Horizonte.

Foi usado como critério de inclusão na pesquisa as mulheres acima de 18 anos, gestação a termo, recém nascido vivo, mínimo seis horas após o parto normal de risco habitual, e presença de um acompanhante de sua escolha durante o parto normal atual. E como critério de exclusão: as puérperas de parto operatório e aquelas com alguma deficiência de comunicação verbal.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada sendo utilizado um roteiro elaborado que com dados de identificação das entrevistadas e uma questão norteadora, *“Como você percebeu ter um acompanhante em seu trabalho de parto?”*

O estudo iniciou-se após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Hospital Sofia Feldman (Parecer de Relator 08/2013 CAAE: 12552213.3.0000.5132), e cada entrevistada assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O anonimato e o sigilo foram respeitados sendo os participantes identificados por pseudônimos de “flor” devido a sua relação com a feminilidade. Os aspectos éticos relativos à pesquisa com seres humanos atenderam às diretrizes da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro a março de 2013 e foram entrevistadas vinte e três puérperas que apresentavam as seguintes características: a faixa etária entre 18 a 43 anos de idade, sendo que a maioria estava entre 18 e 21 anos, estado civil; 13 solteiras e 10 casadas, escolaridade de nível fundamental incompleto a ensino médio completo, com predominância no ensino fundamental. Quanto à paridade, nove mulheres estavam na primeira gestação, 14 eram múltiparas e já tinham experiência com o parto. Todas as entrevistadas tiveram acompanhante do seu núcleo familiar durante o seu trabalho de parto, houve uma mulher apenas, “copo-de-leite” que teve como acompanhante uma enfermeira do plantão, mas respondeu afirmativamente a pergunta sobre a presença de acompanhante, motivo pelo qual foi incluída na pesquisa.

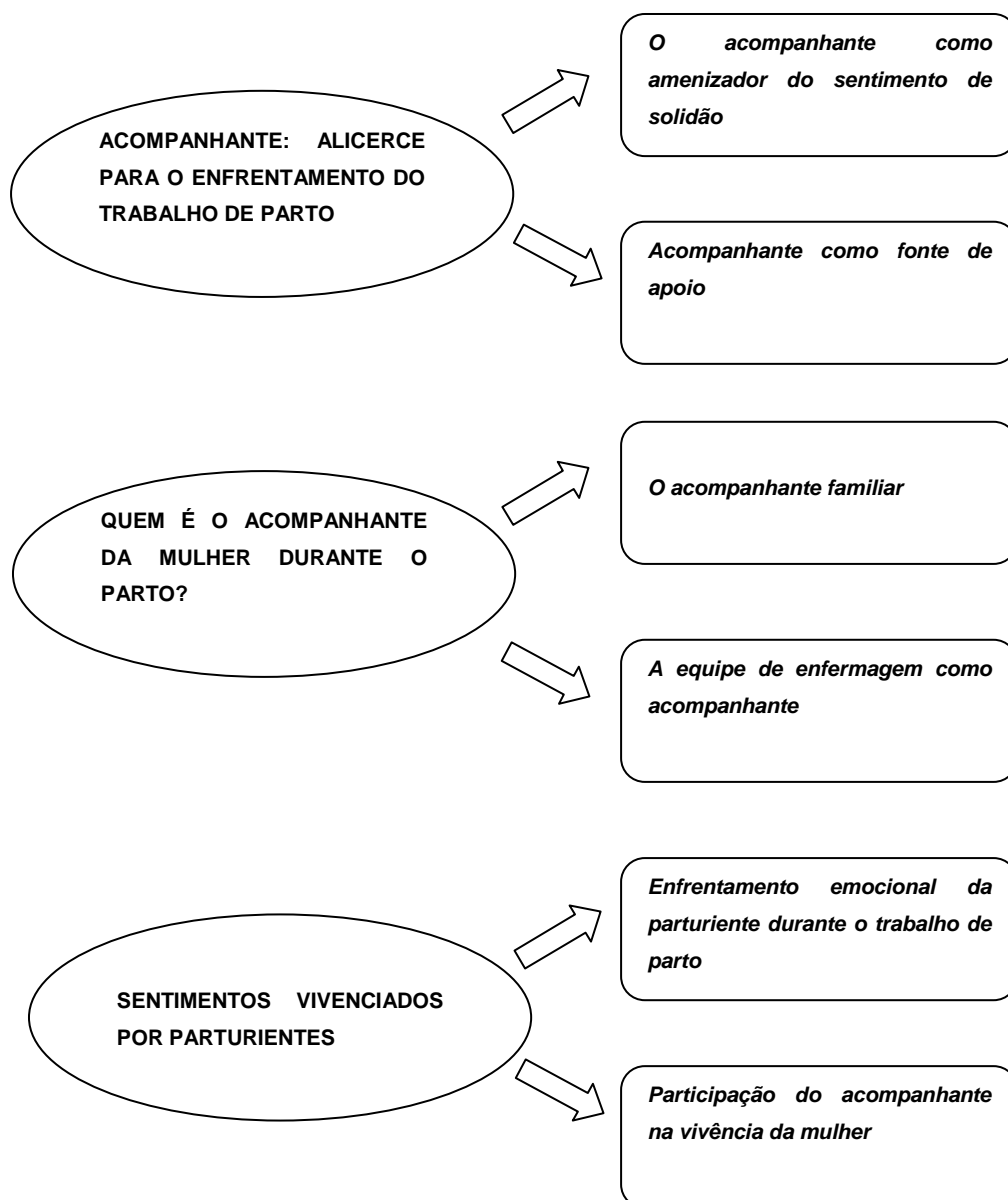
As entrevistas foram consideradas técnicas de observação direta, pois permitem um contato efetivo entre o entrevistador e o entrevistado, suscitando reações em ambos, durante o processo de coleta das narrativas (MATHEUS; FUSTINONI, 2006).

A fim de garantir a liberdade de expressão aos sujeitos, obtendo depoimentos mais significativos, não foi estipulado tempo para as falas, as mulheres só foram interrompidas quando algo não ficou claro e se haviam dúvidas sobre o questionamento ou a sua capacidade de entendimento.

As entrevistas foram realizadas em local e momento adequados respeitando a privacidade e o conforto da puérpera, após o consentimento dos sujeitos da pesquisa, posteriormente as falas foram transcritas na íntegra. Para a compreensão das falas das entrevistadas foi utilizada a análise de conteúdo que é um conjunto de técnicas de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações (BARDIN, 2007).

Os dados obtidos foram trabalhados segundo análise de conteúdo, seguindo orientação geral apresentada por Bardin (2007), que propõe três etapas para trabalhar os dados: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Durante a primeira etapa realizou-se a leitura flutuante das respostas obtidas em cada pergunta do formulário, após esta etapa iniciou-se a exploração do material. Na segunda etapa houve a

decomposição do texto, onde se escolheu as falas mais importantes e expressivas com relação à temática abordada. Após a escolha, procuraram-se semelhanças nas diversas falas. Definiram-se então três categorias empíricas e em cada uma delas duas subcategorias:



Concluída a exploração do material, passou-se ao tratamento dos resultados, no qual uma análise qualitativa das informações coletadas a partir das categorias temáticas definidas foi realizada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. ACOMPANHANTE: ALICERCE PARA O ENFRENTAMENTO DO TRABALHO DE PARTO

O processo parturitivo configura-se como um momento estressante para a mulher, em decorrência da dor relacionada às contrações uterinas, cada vez mais intensas. Neste processo, a permanência de um acompanhante tornaria esse momento menos estressante, já que seria uma oportunidade de promoção de um estado de calma, pois a segurança estaria associada à necessidade de compartilhar seus medos e anseios com alguém de presença constante, durante o processo de parto e nascimento (DAMASCENO; et al, 2009).

Desta forma a mulher em trabalho de parto necessita da presença do acompanhante de sua escolha, diante desse aspecto as falas a seguir apontam como a presença do acompanhante propicia mais segurança:

“...se eu não tivesse meu acompanhante comigo acho que não conseguiria ganhar meu menino, ele segurou forte minha mão na hora da dor.” (Margarida)

“...sabia que tinha uma pessoa por mim, traz segurança.” (Bromélia)

“...me senti muito mais segura com ele ao meu lado.” (Tulipa)

Nesse sentido, o suporte de alguém de confiança traz diversos benefícios à mulher, sendo estes percebidos principalmente no que se refere à saúde materna: redução da taxa de cesariana; diminuição do uso de ocitocina, do tempo do trabalho de parto, do uso de fármacos para o alívio da dor, e uma elevação da realização materna no que se refere ao nascimento do filho (BRASIL, 2005).

4.1.1. O acompanhante como amenizador do sentimento de solidão

Durante a internação na maternidade a mulher deixa seu lar, local onde se sente protegida, segura e acolhida por pessoas de sua confiança, e passa a ficar num local estranho, isolada de seus familiares e companheiros e dividindo na maioria das vezes com outras parturientes e profissionais que elas jamais viram em suas vidas (NAKANO, SILVA, BELEZA, STEFANELLO, GOMES, 2007).

Diante disso, um ambiente acolhedor, confortável e o mais silencioso possível conduz ao relaxamento psicofísico da mulher, do acompanhante e equipe de profissionais e indica qualidade da assistência (BRASIL, 2001, p.28).

Neste contexto, percebe-se nos relatos das entrevistadas a preocupação com o medo de ficarem sozinhas e isoladas nas salas de parto, sendo visível em seus depoimentos a importância do acompanhante como um amenizador para a melhoria deste desconforto:

“...Tem que ter a presença de um acompanhante, a sua presença é muito importante, pois sozinha a mulher se sente abandonada.”
(Hortênsia)

“...Com a presença do meu acompanhante me senti o tempo todo segura, quando ele não estava perto de mim, me sentia muito vulnerável.” (Girassol)

A sensação de solidão devido ao medo de se comunicar com outras pessoas presentes na sala de parto, ainda se mostra evidente. Permanecer ao lado de pessoas desconhecidas durante o trabalho de parto e o parto desperta, em algumas mulheres, sentimentos negativos e interfere nas suas respostas fisiológicas na adaptação nos dois primeiros períodos. A presença de alguém conhecido, nesses momentos, se mostra como uma alternativa segura para o estabelecimento de comunicação e vínculo e a promoção da segurança psicológica.

4.1.2. Acompanhante como fonte de apoio

No Brasil, a inserção do acompanhante de escolha da parturiente responde a uma das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a assistência ao parto, considerada referência para a implantação do parto humanizado nos serviços de saúde (BRASIL, 2001). O aspecto fundamental dessa prática é a possibilidade de a mulher receber apoio durante o processo do nascimento de uma pessoa da sua rede social (companheiro, familiar e amigos) e não se sentir sozinha em nenhum momento. O apoio também pode ser realizado por profissionais responsáveis pelo cuidado clínico ou por outras pessoas designadas exclusivamente para esta função.

As atividades de apoio compreendem medidas de conforto físico e emocional, que variam de acordo com a cultura e as necessidades individuais de cada mulher. Além de medidas que ajudam a vivenciar o estresse, as mulheres também desejam a presença contínua de uma pessoa com empatia, como pode ser visualizado nas falas abaixo:

*“...Ele me deu toda força me fez sentir que estava ao meu lado até o fim.
(Rosa)*

“...A gente sabe que tem um médico e uma enfermeira para olhar por você, mas a presença de um acompanhante da nossa escolha faz com que aumente a nossa confiança e força...” (Azaléa)

Nesse contexto, é importante ressaltar que respeitar, valorizar e estimular a escolha da parturiente sobre seu acompanhante para prover apoio pode ter sido o componente que mais contribuiu para que a experiência fosse positiva para todos os envolvidos. Pois a mulher sabe que tipo de apoio deseja, e qual pessoa de sua rede social tem condições de lhe proporcionar o que espera receber (BRUGGMANN; et. al, 2010).

4.2. QUEM É O ACOMPANHANTE DA MULHER DURANTE O PARTO?

O acompanhante no parto humanizado é a pessoa que provê o suporte à mulher durante o processo parturitivo e de acordo com o contexto assistencial, este pode ser representado por profissionais (enfermeira, parteira), companheiro/familiar ou amiga da parturiente, doula e mulher leiga (OMS, 1996).

O conceito de acompanhante apresentado pela Política Nacional de Humanização, conhecido como Humaniza SUS, aponta o acompanhante como o representante da rede social da paciente que acompanha durante toda a permanência no ambiente hospitalar (BRASIL, 2008).

Diante disso, o acompanhante pode constituir mais do que simples presença se for permitida a sua participação ativa durante o processo parturitivo. Nesta condição ele deixa de ser considerado mero representante fiscalizador da assistência obstétrica, para assumir o status na rede social de provedor do suporte à parturiente, como pode ser visto nas seguintes falas:

“...foi muito bom ter ao meu lado a pessoa que eu escolhi...” (Dormideira)

“...É muito importante a presença de uma pessoa de confiança ao nosso lado nesse momento que não é nada fácil...” (Tulipa)

Pode-se dizer que o respeito à escolha da mulher sobre seu acompanhante é classificado como uma prática comprovadamente útil e que deve ser estimulada. A viabilização desse direito da mulher reduz a necessidade de analgesia, a incidência de cesáreas e a depressão do recém-nascido no quinto minuto de vida (MONTEIRO; et. al, 2011).

Além disso, essa experiência de apoio é um elemento importante na parturição, pois remete à mulher a sensação de tranquilidade, confiança e segurança (BRUGGMANN; PARPANELLI; OSIS, 2005).

4.2.1. O acompanhante familiar

A presença de familiares faz com que a mulher se sinta mais segura, e apoiada pela família, ajudando-a durante o seu trabalho de parto. Portanto, a responsabilidade e o vínculo afetivo familiar são fatores que poderão contribuir no restabelecimento da mulher.

A família, por sua proximidade e convivência com a mulher, apresenta maior condição de acompanhar o processo de parturição, por sua intimidade é capaz de identificar sinais de descontentamento que poderiam passar despercebidos por outras pessoas.

Grüdtner (2004) define família como aquela que fomenta o enfrentamento das crises através do diálogo, que ajuda seus componentes a construir seu sentido de vida, o qual os impulsionará nos momentos favoráveis, assim como nos de pressão, solidão e sofrimento.

O acompanhamento à parturiente proporciona experiências positivas no processo do nascimento. A presença do pai, ou a presença de um acompanhante terapeuta no parto, possibilita que a parturiente divida sua responsabilidade, suas angústias, inseguranças e medos (PAZ; FENSTERSEIFER, 2011), conforme relatos:

“...me ajudou bastante, principalmente por ser o pai do meu filho.”
(Acácia)

“...O acompanhante ajuda muito, nos deixa mais calma.” (Gardênia)

O acompanhante, sendo uma pessoa de sua escolha, representa um laço afetivo, tornando-se uma presença reconfortante, para dividir o medo e a ansiedade, e estimulá-la positivamente em momento difíceis (LEÃO E OLIVEIRA, 2006).

4.2.2. A equipe de enfermagem como acompanhante

Os profissionais de saúde têm um papel importante no processo do nascimento, devem colocar seu conhecimento a serviço do bem-estar da

mulher e do bebê, reconhecendo momentos críticos em que suas intervenções são necessárias para assegurar a saúde de ambos (BRASIL, 2001).

Diante desse processo, o atendimento de enfermagem diminui a probabilidade de avaliações negativas da experiência do parto, de sentimentos de tensão durante o trabalho de parto e de considerá-lo pior do que o esperado (PAZ; FENSTERSEIFER, 2011).

A atitude da enfermeira, em estabelecer uma comunicação efetiva com sua cliente, constrói uma relação terapêutica, estabelecendo uma condução de trabalho de parto resolutiva e não intervencionista. O diferencial do modelo de assistência adotado pela enfermeira reside em sua capacidade de comunicação e apoio, o que favorece a interação efetiva entre parturiente e profissional (CARON; SILVA, 2002), como pode ser visto nas falas a seguir:

“..não tive acompanhante familiar e sim a enfermeira que estava de plantão que foi muito atenciosa e me acompanhou todo o tempo até o nascimento do meu filho... A presença dela comigo foi muito importante, me senti segura e protegida...” (Copo-de-leite)

“...a equipe me ajudou e me deu muitas dicas durante o trabalho de parto.”(Bromélia)

O processo de parturição é uma etapa da vida da mulher que acarreta profundas e significativas mudanças fisiológicas e psicológicas na parturiente, no recém-nascido e também em familiares, deixando saldos positivos e/ou negativos irreversíveis. O cuidado prestado pela enfermeira e outros profissionais de saúde, podem modificar ou amenizar as atitudes negativas manifestadas pela mulher nesse percurso, facilitando o transcorrer fisiológico do processo (BARROS; SILVA, 2004).

4.3. SENTIMENTOS VIVENCIADOS POR PARTURIENTES

O parto é cercado por medos, ansiedade e expectativas, decorrentes das experiências vivenciadas anteriormente pela mulher, das informações

recebidas de familiares, de profissionais e de outras mulheres que passaram pela experiência de dar à luz (CONSONNI; et al., 2003).

Nota-se que a insegurança se faz presente nesse momento de expectativa, ocasião de espera pelo nascimento do filho. As informações errôneas sobre o parto resultam em situações de crise e de ansiedade, interferindo no desenrolar deste processo (MOTA; et al., 2011), o que pode ser comprovado com a fala a seguir:

“...Foi muito bom ter um acompanhante, pois é muito ruim ficar sozinha....me senti mais segura, eu estava com muito medo...”
(Dormideira)

Sentimentos como ansiedade e medo associados ao trabalho de parto dificultam a participação ativa da mulher no nascimento do seu filho. As mulheres necessitam de uma assistência acolhedora por parte dos profissionais e bem como de seus familiares, contribuindo tanto para aliviar as expectativas negativas, como para estimular sua participação colaborativa, transformando a experiência de dar à luz em um momento prazeroso e construtivo nesta nova etapa da vida desta mulher.

4.3.1. Enfrentamento emocional da parturiente durante o trabalho de parto

Na maternidade, a parturiente ficava, e até hoje fica, à mercê da interação com a equipe de saúde, sendo que o atual modelo de assistência é marcado pelos cuidados técnicos, por meio do uso da tecnologia, no momento dessa interação (MOTTA; CREPALDI, 2005). Nesse contexto, vivenciar ansiedades próprias do trabalho de parto, sensações de angústia torna-se mais difícil, quando a mulher não está acompanhada de um parente ou de seu companheiro.

A necessidade de acompanhamento e atenção, nesse momento, parte da compreensão de que o parto é um fenômeno de intensidade emocional e física, no qual os fatores fisiológicos, sociais, culturais e psicológicos interagem ao longo do trabalho de parto (MOTTA; CREPALDI, 2005), como pode ser visto pelas falas seguir:

“...o trabalho de parto e parto com a presença de uma pessoa próxima foi mais fácil...” (Margarida)

“...Apesar da dor foi muito bom e com o acompanhante ao meu lado foi melhor ainda.” (Girassol)

Tal atenção ou acompanhamento ajuda a mulher a passar por essa experiência, propiciando-lhe benefícios físicos e emocionais, bem como uma boa evolução do trabalho de parto e parto, pois torna a parturiente mais segura e colaborativa (KLAUS; et. al, 2000; BRUGGEMANN; et. al, 2007).

4.3.2. Participação do acompanhante na vivência da mulher

A presença do companheiro/accompanhante na gravidez é de vital importância, visto que a formação do vínculo pais-filhos e a rede de intercomunicação familiar começam a se desenvolver nesta fase.

A gravidez, que deveria ser observada, porém, como um evento familiar em nossa sociedade, é função quase que exclusivamente da mulher, cabendo-lhe a responsabilidade da decisão ou não de ter um filho, isentando-se o parceiro desta responsabilidade, funcionando este quadro como um determinante da instabilidade do humor da mulher durante a gravidez e no seu modo de enfrentar o trabalho de parto e parto (BEZERRA; CARDOSO, 2005).

Em termos gerais, a ajuda eficiente neste período consiste em encorajar (não reprimir) a livre expressão dos sentimentos de tristeza, ansiedade, hostilidade. Na verdade, a gravidez deve ser observada como uma situação que envolve não apenas a mulher, mas também seu companheiro e o meio social imediato.

É preciso compreender o papel do acompanhante como fonte de apoio em todo o momento da gestação, parto e puerpério, conforme as falas abaixo:

“...o acompanhante foi essencial devido a quantidade de pontos que levei, precisava de ajuda para levantar, tomar banho ou pegar algo...foi importante para mim também no pré-natal...” (Adelfa)

“...No pré-natal foi importante a presença dele...” (Anêmona)

“...Me senti mais aliviada com a presença do meu acompanhante, acho que se ele não estivesse lá não teria conseguido...” (Lírio)

Percebe-se que a participação dos familiares e/ou outras pessoas escolhidas pela mulher possam ser inseridas no contexto da gestação desde a primeira consulta pré-natal, pois o parto deve ser reconhecido como um evento familiar e social de extrema relevância e não como uma responsabilidade individual da mulher.

Mesmo sabendo-se da importância desta participação, o espaço para o acompanhante, nas instituições, ainda é restrito devido à hierarquia entre profissionais e usuários, devido ao modelo tecnológico que alicerça o cuidado realizado e também devido ao despreparo e ao desconhecimento do acompanhante sobre o momento do parto, o que o torna incapaz de contribuir de forma positiva (NAKANO, SILVA, BELEZA, STEFANELLO, GOMES, 2007).

Portanto, a equipe de enfermagem, ao assumir a postura pragmática de inserção enfática nos espaços assistenciais, pode contribuir significativamente na inclusão do acompanhante com vistas ao cuidado individualizado e ao respeito às subjetividades da parturiente. Desse modo, possibilitar a ampliação do espaço para a participação e emancipação dessas mulheres no livre arbítrio acerca da decisão que melhor lhes convém para garantir o seu bem estar físico, mental e social que configura o processo de saúde no momento do parto.

5. CONCLUSÃO

Tendo em vista esses resultados, considera-se que esse estudo representa uma importante contribuição para a implementação da legislação atualmente em vigor, no Brasil, conhecida como “Lei do acompanhante”.

Conclui-se que o cuidado, seja proporcionado pelos profissionais de saúde, seja pelos acompanhantes, mostra-se imprescindível para garantir conforto e bem-estar para mulheres no momento da parturição. Analisar as descrições das experiências de trabalho de parto e parto com a presença de alguém de sua escolha contribuiu para a compreensão do significado desses momentos para as parturientes. Refletir sobre a percepção de cada mulher quanto à vivência desses momentos auxilia na escolha de estratégias de cuidado que possam atender as necessidades individuais.

Este estudo evidenciou o benefício que o acompanhante traz à mulher, partindo do suporte físico e interferindo positivamente em suas respostas emocionais. As puérperas, sujeitos deste estudo, apontaram o quanto é importante ter assegurado o direito ao parto saudável, provido de apoio, segurança e conforto; e acima de tudo, que o ambiente hospitalar adequado promove a inserção do acompanhante e principalmente, condições para a autonomia e a participação ativa da mulher no parto.

É importante pontuar que as instituições e os profissionais de saúde que participam direta ou indiretamente na assistência à parturiente devem assumir uma postura acolhedora com relação ao acompanhante. A equipe deve reconhecer a importância do nascimento para a família e facilitar a criação de vínculo com as pessoas envolvidas no processo de parturição e nascimento. O acolhimento à mulher e a seu acompanhante inicia-se na admissão na instituição, mediante a inclusão do acompanhante escolhido pela mulher nas orientações iniciais, podendo estender-se durante sua permanência no ambiente hospitalar, com a escuta ativa e garantia de espaço no ambiente, o que minimiza os inconvenientes efeitos da ansiedade face ao desconhecido e a sensação de impotência diante das práticas assistenciais institucionais.

Dessa forma, dados os benefícios e a ausência de riscos associados ao apoio contínuo durante o trabalho de parto, todos os esforços deveriam ser

feitos no sentido de garantir que toda mulher em trabalho de parto tivesse o direito de ser acompanhada por seu familiar ou pessoa de sua escolha.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2007.

BARROS; L.M., SILVA; R.M. atuação da enfermeira na assistência à mulher no processo de parturição. **Texto Contexto Enferm** 2004 Jul-Set; 13(3):376-82.

BEZERRA, M.G.A.; CARDOSO, M.V.L.M.L. Fatores interferentes no comportamento das parturientes: enfoque na Etnoenfermagem. **Rev Bras Enferm** 2005 nov-dez; 58(6):698-702.

BRASIL. **Orientações para elaboração de propostas da Rede Cegonha: O que o proponente/gestor deve saber ao elaborar uma proposta da Rede Cegonha**, 12 de abril de 2012.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização, Ministério da Saúde. **Humaniza SUS: visita aberta e direito a acompanhante**. Brasília: Ministério da Saúde; 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Portaria nº 2418 de 02 de dezembro de 2005**. Regula a presença do acompanhante durante o trabalho de parto. Lei nº 11.108 de 07 de Abril de 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada** – manual técnico/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Parto, aborto e puérperio: assistência humanizada à mulher**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. **Programa de Humanização ao pré-natal e nascimento**. Brasília: Ministério da Saúde (DF), 2000.

BRUGGEMANN, O.M.; et. al. Apoio à parturiente por acompanhante de sua escolha em maternidade brasileira: ensaio clínico controlado randomizado. **Revista Tempus Actas Saúde Coletiva**., Campinas.página 155-159, 2010.

BRUGGEMANN, O.M.; OSIS, M.J.D.; P ARPINELLI, M.A. Apoio no Nascimento: percepções de profissionais e acompanhantes escolhidos pela mulher. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, pp. 44-52, fev., 2007.

BRUGGMANN, O.M.; P ARPANELLI, M.A.; OSIS, M.J.D. Evidências sobre o suporte durante o trabalho de parto/parto: um revisão da literatura. **Cad. Saúde Pública** vol.21 no.5 Rio de Janeiro Sept./Oct. 2005

CARON, O.A.F; SILVA, I.A. Parturiente e equipe obstétrica: a difícil arte da comunicação. **Revista Latino-americana de Enfermagem** 2002 julho/agosto; 10(4):485-92.

CONSONNI EB, et al. Aspectos psicológicos na gravidez e parto. **Femina**. 2003; 31(7):577-82.

DAMASCENO, A.K.C.; et al. **O Acompanhante Durante o Parto na Perspectiva de Puérperas**. VI Congresso Brasileiro de Enfermagem Obstétrica Neonatal. 2009.

DOMINGUES, R.M.S.M. **Acompanhantes familiares na assistência ao parto normal: a experiência da maternidade Leila Diniz** [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2002.

DRIESSNACK, M.; SOUZA, V.D.; MENDES, I.A.C. Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem: parte 2: desenhos de pesquisa qualitativa. *Rev Latino-am Enfermagem* 2007 julho-agosto; 15(4) www.eerp.usp.br/rlae.

ENKIN, M.; et al. **Guia para atenção efetiva na gravidez e no parto**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.

GRÜDTNER, D.I. O cuidado à família e o ensino de graduação: limites e possibilidades. In: ELSEN, I; MARCON, S.S; SILVA, M.R.S. **O viver em família e sua interface com a saúde e a doença**. Maringá: Eduem, cap 24, p.369 - 81,2004.

KLAUS, M. H.; et al. **Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000.

LEAO, V. M.; OLIVEIRA, S. M.J.V. O papel da doula na assistência à parturiente. *Reme: Revista Mineira de Enfermagem*. 10(1):24-29, jan./mar., 2006

LONGO, C.S.M.; ANDRAUS, L.M.S.; BARBOSA, M.A. Participação do acompanhante na humanização do parto e sua relação com a equipe de saúde. **Barbosa** **Revista Eletrônica de Enfermagem** [Internet]. 2010;12(2):386-91.

MATHEUS, M.C.C.; FUSTINONI, S.M. **Pesquisa qualitativa em enfermagem**. São Paulo: Livraria Médica Paulista, 2006, p.69.

MOTA, E.B.; et al. Sentimentos e expectativas vivenciados pelas primigestas adolescentes com relação ao parto. **Revista da Rede do Enfermagem do Nordeste Rene**, Fortaleza, 2011 out/dez; 12(4):692-8.

MONTEIRO, L.C.; et. al. O acompanhante no momento do trabalho de parto e parto: Percepção de puérperas. **Cogitare Enfermagem**, 2011 Abr/Jun; 16(2):247-53.

NAKANO, A.M.S.; SILVA, L.A.; BELEZA, A.C.S.; STEFENELLO, J.; GOMES, F.A.. Support during the labor and delivery processes: viewpoint of companions of women giving birth. **Acta Paulista de Enfermagem**, 2007, vol.20, n. 2, ISSN 0103-2100.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, Ministério da Saúde. Assistência ao parto normal: um guia prático. Genebra:OMS; 1996. 53 p.

PAZ, L. S. ; FENSTERSEIFER, L. M. Equipe de enfermagem e o acompanhante no parto em um hospital público de Porto Alegre **Revista Interdisciplinar NOVAFAPI**, Teresina. v.4, n.1, p.9-13, Jan-Fev-Mar. 2011.

PERDOMINI, F.R.I. **A participação do pai como acompanhante da mulher no processo de nascimento** [dissertação]. Rio Grande do Sul: Escola de Enfermagem Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação; 2010.

RDC (Diretoria Colegiada) nº 36/2008 ANVISA – que dispõe sobre o Regulamento Técnico para Funcionamento dos Serviços de Atenção Obstétrica Neonatal.

REIS, A.E.; PATRICIO, Z.M. Aplicação das ações preconizadas pelo Ministério da Saúde para o parto humanizado em um hospital de Santa Catarina. **Ciência e saúde coletiva**, set./dez. 2005, vol.10 supl, p.221-230. ISSN 1413-8123.

SANTOS, D.S.; NUNES, I.M. Doulas na Assistência ao Parto: Concepção de Profissionais de Enfermagem. **Escola Anna Nery Revista Enfermagem** 13(3):582-589, jul.-set. 2009.

STORTI, J.P.L. **O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto: expectativas e vivências do casal**. Ribeirão Preto: 2004. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP – Departamento de Enfermagem Materno Infantil e saúde Pública. 2004

TEIXEIRA, N.Z.F.; PEREIRA, W.R. Parto hospitalar - experiências de mulheres da periferia de Cuibá-MT. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2006 nov-dez; 59(6): 740-4.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**Título do projeto – ACOMPANHANTE DURANTE O TRABALHO DE PARTO: visão da puérpera**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **ACOMPANHANTE DURANTE O TRABALHO DE PARTO: visão da puérpera**, de autoria da especializanda do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal de Minas Gerais: **Ana Livia Santana Santos**, sob a orientação da Professora **Aline Reis Souza de Oliveira**. Se decidir participar dela, é importante que leia com atenção estas informações sobre o estudo e seu papel na pesquisa.

O estudo pretende compreender a percepção da puérpera acerca da presença do acompanhante durante o trabalho de parto.

A sua participação poderá contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento à mulher, não havendo qualquer risco envolvido.

Gostaríamos de pedir seu consentimento para fazer algumas perguntas sobre o seu trabalho de parto além de consultar algumas informações em seu prontuário.

Tudo que você falar ficará em segredo e o seu nome não será divulgado. Os resultados serão apresentados de forma que não seja possível identificar as mulheres que dele participaram. Você tem direito de pedir outros esclarecimentos sobre a pesquisa e pode se recusar a participar, se assim desejar. Sem qualquer prejuízo na sua relação com o serviço de saúde.

❖ _____ declarou ter sido informada e compreender as informações prestadas, concordou em participar como voluntária desta pesquisa.

❖ Assinatura do participante _____

❖ Assinatura do pesquisador _____

❖ Local e data _____

APÊNDICE B – Questionário Semi Estruturado

Entrevistado número - _____

Iniciais do nome - _____

Data - ____/____/____

Local - _____

Horário de início - _____ Horário de término - _____

01 – Idade da entrevistada - _____

02- Escolaridade - _____

03 – Estado Civil - _____

04 – História obstétrica GPA - _____

05 – Quando iniciou pré-natal. Quantas consultas. Protocolo completo (vacinas, exames, Ultrassonografia, etc) - _____

06 – Data do parto - _____

07 – Intervalo do último parto para o atual - _____

08 – Acompanhante esteve presente na admissão, pré-parto, nascimento, alojamento. O acompanhante foi da sua escolha ou a pessoa que estava disponível. Teve acompanhante no pré-natal - _____

09 – Utilização de métodos para alívio da dor, farmacológicos ou não? _____

Como você percebeu ter um acompanhante em seu trabalho de parto? _____

Entrevista gravada em - _____

Realizado pela pesquisadora – Ana Lívia Santana Santos